

EXISTE SEDIMENTAÇÃO PALEOZÓICA NAS BACIAS DO INTERIOR DO NORDESTE?

Mário de Lima Filho¹; Zenilda Batista Vieira²; Iraclézia Gomes de Araújo³; Wilson Rodrigues Freitas⁴; Sônia Agostinho⁵ & Flávia Azevedo Pedrosa³

¹ Professor Associado, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Pernambuco; mflf@ufpe.br

² Professor Adjunto, Departamento de Engenharia do Petróleo, Universidade Federal de Alagoas; zenilda.geo@gmail.com

³ Doutorandas, Programa de Pós-Graduação em Geociências, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Pernambuco; iraclezia@hotmail.com; flaviapedrosa.geo@gmail.com

⁴ Bolsista de Graduação, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Pernambuco; wrafreitas@gmail.com

⁵ Pesquisadora, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Pernambuco; sonia@ufpe.br

Ainda persistem alguns problemas estratigráficos nas bacias do interior do Nordeste, principalmente, aqueles relativos aos sedimentos basais que cobrem várias bacias interiores. Esses sedimentos são arenitos conglomeráticos, cuja a correlação são feitas com o Grupo Serra Grande da Bacia do Parnaíba e da Formação Tacaratu da Bacia do Jatobá. Mapeamentos recentes produzidos nas bacias do interior do Nordeste por pesquisadores das Universidades, principalmente do Nordeste, chegam a sugerir idades diferentes daqueles que vem desde a década de 60 sendo referenciadas como sedimentação paleozoica, principalmente na Bacia do Araripe, como a Formação Cariri e/ou Mauriti. A Ferrovia Transnordestina atravessa várias bacias, entre elas: Araripe, Cedro e São José do Belmonte mostrando excelentes cortes profundos, onde afloram varias facies e suas associações. Essas duas últimas bacias, em mapas geológicos antigos e recentes, ainda estão mapeadas como Formação Tacaratu. Já a Bacia do Araripe, principalmente, no Vale do Cariri, teríamos a Formação Cariri e por vezes, também chamada de Formação Mauriti. Nessa formação foram descritas seis fácies geradas por sistemas fluviais entrelaçados (*braided*) de alta energia, depositadas, possivelmente, em condições climáticas quente e seco. Mapeamentos geológicos e levantamento de seções estratigráficas mostram sistemas deposicionais que variam de fluvial anastomosado a sistemas deltaicos, sendo, portanto, incompatíveis com os sistemas deposicionais do Siluriano. Estudos bioestratigráficos de ostracodes em folhelhos intercalados aos arenitos mostram idades aptiano/albiano e estudos de proveniência realizados nas bacias de Cedro, São José do Belmonte, Lavra das Mangabeiras e Araripe, mostram incompatibilidades aos sedimentos da Formação Tacaratu (Bacia do Jatobá) e Formação Serra Grande (Bacia do Parnaíba). A presença de bandas de deformação nos arenitos finos tal qual ocorrem nos sedimentos de idade jurássica nas bacias do Araripe e Sergipe-Alagoas e em outras bacias interiores sugerem uma idade correlata. Desta forma, poderemos ter provavelmente uma sedimentação mais nova, de idade jurássica nessas bacias. Assim, encontra-se em aberto questões com relação a idade desses arenitos inferiores e o contexto tectônico e sedimentar que os produziram. As implicações de um possível modelo, onde não se tem sedimentação paleozoica nessas bacias, rebatem na evolução da margem equatorial e conseqüentemente, na paleogeografia do jurássico para essa porção do Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: BACIAS INTERIORES; PALEOZÓICO; PALEOGEOGRAFIA